REPECULT
ISSN 2526-2742

BELL HOOKS E SOBONFU SOMÉ: PENSANDO PERTENCIMENTO E COMUNIDADE NA DIÁSPORA E EM ÁFRICA

Halina Macedo Leal[18]

Resumo

bell hooks, mulher negra estadunidense, uma das intelectuais e ativistas mais importantes dos direitos das mulheres negras na diáspora africana, nos apresenta, em seu livro *Pertencimento, uma cultura do lugar*, reflexões acerca de se sentir pertencente em sociedades racistas, machistas, sexistas e classistas, às quais ela denomina de sociedades "patriarcais supremacistas brancas capitalistas imperialistas". Sobonfu Somé, filósofa e professora nascida em Dano, cidade em Burkina Faso, na África Ocidental, reflete, em seu livro *O Espírito da Intimidade*, *ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*, sobre a dimensão espiritual dos relacionamentos a partir de ensinamentos tradicionais de seu povo, os Dagara. Ambas, a partir de perspectivas distintas, mas atravessadas por uma ancestralidade comum, nos oferecem reflexões sobre sentir, se relacionar, pertencer e ser na coletividade. No presente texto, busca-se apresentar, de forma breve, como ambas articulam suas ideias e experiências na atribuição de centralidade à vida comunitária para o resgate e para experiências efetivas de pertencimento das pessoas negras. Para tanto, serão assumidos como focos de análise os dois livros já mencionados, considerando as diferenças territoriais e experienciais de ambas, mas, sobretudo, aspectos de suas narrativas e vivências que reportam a uma perspectiva ancestral comunitária e de pertencimento.

Palavras-chave: bell hooks; Comunidade; Pertencimento; Sobonfu Somé.

BELL HOOKS AND SOBONFU SOMÉ: THINKING BELONGING AND COMMUNITY IN THE DIASPORA AND IN AFRICA

Abstract

bell hooks, an African American woman and one of the most important intellectuals and activists for the rights of Black women in the African diaspora, presents in her book *Belonging: A Culture of Place* reflections on what it means to feel a sense of belonging in racist, sexist, classist, and patriarchal societies, which she refers to as "imperialist white supremacist capitalist patriarchy." Sobonfu Somé, a philosopher and teacher born in Dano, a city in Burkina Faso, West Africa, reflects in her book *The Spirit of Intimacy* on African ancestral teachings about ways of relating, focusing on the spiritual dimension of relationships based

[18] Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Regional de Blumenau - FURB. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL-PUCPR) e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR-FURB). Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Gênero, Raça e Poder, GENERA-FURB

on the traditional teachings of her people, the Dagara. From different perspectives, yet shaped by a shared ancestry, both offer us profound insights into feeling, relating, belonging, and being in community. This text aims to briefly present how each of them articulates their ideas and experiences in centering community life as essential for reclaiming and fostering real experiences of belonging for Black people. To this end, the two books will be taken as the primary focus of analysis, considering the territorial and experiential differences between the two authors, but especially the aspects of their narratives and lived experiences that point to an ancestral, communal perspective of belonging.

Keywords: bell hooks; Community; Belonging; Sobonfu Somé.

BELL HOOKS Y SOBONFU SOMÉ: PENSANDO EN LA PERTENENCIA Y LA COMUNIDAD EN LA DIÁSPORA Y EN ÁFRICA

Resumen

bell hooks, mujer negra estadounidense, una de las intelectuales y activistas más importantes de los derechos de las mujeres negras en la diáspora africana, nos presenta, en su libro *Pertenencia, una cultura del lugar*, reflexiones sobre el sentirse perteneciente en sociedades racistas, machistas, sexistas y clasistas, las cuales denomina sociedades "patriarcales supremacistas blancas capitalistas imperialistas". Sobonfu Somé, filósofa y profesora nacida en Dano, ciudad en Burkina Faso, África Occidental, reflexiona, en su libro *El Espíritu de la Intimidad*, sobre los saberes ancestrales africanos sobre formas de relacionarse, sobre la dimensión espiritual de las relaciones a partir de las enseñanzas tradicionales de su pueblo, los Dagara. Ambas, desde perspectivas distintas, pero atravesadas por una ancestralidad común, nos ofrecen reflexiones sobre el sentir, el relacionarse, el pertenecer y el ser en la colectividad. En el presente texto, se busca presentar, de manera breve, cómo ambas articulan sus ideas y experiencias al otorgar centralidad a la vida comunitaria para la recuperación y las experiencias efectivas de pertenencia de las personas negras. Para ello, se tomarán como enfoques de análisis los dos libros ya mencionados, considerando las diferencias territoriales y experienciales de ambas, pero, sobre todo, los aspectos de sus narrativas y vivencias que remiten a una perspectiva ancestral comunitaria y de pertenencia.

Palabras clave: bell hooks; Comunidad; Pertenencia; Sobonfu Somé.

CONTEXTUALIZANDO: BELL HOOKS E SOBONFU SOMÉ

bell hooks (1952-1021), mulher negra estadunidense, nascida em 1952, em Hopkinsville, Kentucky, numa família da classe trabalhadora, é uma das intelectuais e ativistas mais importantes dos direitos das mulheres negras na diáspora africana. Nesse contexto diaspórico, ela experienciou o lugar da margem. Em sociedades racistas, machistas, sexistas e classistas, esse é o lugar do não ser, ou seja, do não ser branca, não ser homem, não ser pertencente a classes privilegiadas. Esse é um lugar de vulnerabilidade política e social, invisibilidades e violências, o qual a levou a sentimentos de não pertencimento típicos de quem se encontra numa situação de marginalização. A compreensão desse não lugar, como ela mesma dizia, veio por meio da teorização e da reflexão não somente de quem ela era no mundo (subjetiva e individualmente), mas de porque, neste mundo do qual ela fazia parte, pessoas como ela era e são marginalizadas. No decorrer de sua vida e obra, ela assumiu a máxima "o pessoal é político" de uma forma radical, articulando a dimensão subjetiva de sua experiência com análises de questões sociais estruturais como o racismo, o machismo, o sexismo e o capitalismo. Ela realiza um diagnóstico e propõe alternativas de ação para a superação dessas estruturas. Sua vasta obra é atravessada por essas questões e suas reflexões a respeito de gênero, raça e classe são encontradas de forma transversal em eixos analíticos específicos, tais como o do feminismo negro, da crítica cultural, da educação, de questões espirituais e acerca do amor.

Em seu livro, *Pertencimento, uma cultura do lugar* (2008), pode-se dizer que ela reúne todos esses eixos de análise para se compreender num mundo em que durante boa parte de sua vida não se sentiu pertencente, refletindo acerca de como, no contexto da diáspora, é possível alcançar a sensação de pertencimento em sociedades denominadas por ela de "patriarcais supremacistas brancas capitalistas imperialistas". Ela narra, aqui, seu retorno a Kentucky, depois de ter vivido em vários lugares. Como ela mesma salienta, ela não somente estava retornando ao seu estado de origem, mas ao seu "lar

extraordinário", ao seu lugar de pertencimento, onde, segundo ela, "poderia morrer" — e onde, de fato, morreu, em 15 de dezembro de 2021.

Sobonfu Somé (1952-2017), líder espiritual, escritora e professora, nascida na década de 50, em Dano, cidade em Burkina Faso, na África Ocidental, foi criada em uma comunidade tradicional da etnia Dagara. Ela foi ensinada pelos anciãos, passando pelo ritual de iniciação das mulheres e pelos anos de orientação posterior à iniciação, com o objetivo de tornar-se uma líder espiritual em sua comunidade. Nos anos 80, viajou para os Estados Unidos para compartilhar suas experiências e seus conhecimentos no contexto ocidental, ministrando palestras, oficinas, cursos sobre espiritualidade e ensinamentos da tradição africana, além de escrever livros, tais como: *Welcome Spirit Home: Ancient African Teaching to Celebrate Children and Comnunity* [*Bem-vindo ao Lar Espiritual: Antigos Ensinamentos Africanos para Celebrar as Crianças e a Comunidade*] *(1999); Fall in Love with the Dark: How to Embrace Your Inner Wisdom* [*Apaixone-se pelo Escuro: Como Abraçar sua Sabedoria Interior*] *(2003); The Women's Wisdom from the Heart of Africa* [*A Sabedoria Feminina do Coração da África*] *(2004) e, seu livro mais conhecido The Spirit of Intimacy: Ancient African Teachings in the Ways of Relationships* [*O Espírito da Intimidade: Ensinamentos Ancestrais Africanos sobre Maneiras de se Relacionar*] *(1997).*

Em seu livro, *O Espírito da Intimidade*, Somé reflete acerca da dimensão espiritual dos relacionamentos, a partir de princípios tradicionais de seu povo, os Dagara. Ela, em seus ensinamentos, sempre apontou para a importância da comunidade, da espiritualidade e da conexão com a natureza como caminhos de cura individual e coletiva. Sobonfu Somé compartilhou suas reflexões e experiências até sua morte, ocorrida em 14 de janeiro de 2017.

BELL HOOKS: PERTENCIMENTO, CULTURA DO LUGAR E COMUNIDADE NA DIÁSPORA

hooks, na obra *Pertencimento, uma cultura do lugar*, reflete a respeito de sua experiência diaspórica atravessada pelo racismo, machismo e sexismo. No que se refere ao racismo, nesse texto, ela chama a atenção o tempo todo para a dificuldade de se enxergar as manifestações veladas da supremacia branca, no contexto do que ela denomina de "patriarcado supremacista branco capitalista

imperialista". Ao refletir acerca das expressões "supremacia branca" e "patriarcado supremacista branco capitalista imperialista", em *Escrever Além da Raça,* ela nos diz:

> O pensamento supremacista branco continua a ser a cola invisível e visível que mantém as pessoas brancas conectadas, independentemente de várias outras diferenças. Politicamente, o pensamento supremacista branco foi criado para servir a esse propósito. Gravado na consciência de toda criança branca já no nascimento e reforçado pela cultura, o pensamento supremacista branco tende a funcionar de maneira inconsciente. Essa é a principal razão pela qual é tão difícil desafiá-lo e transformá-lo. (...) *patriarcado supremacista branco capitalista imperialista.* Essa frase é útil porque não prioriza um sistema em detrimento de outro, mas nos oferece uma maneira de pensar sobre os sistemas interligados que trabalham juntos para defender e manter culturas de dominação. (hooks, 2022a, p.24)

A dificuldade por parte da branquitude de enxergar suas manifestações racistas conduz hooks à reflexão acerca do não reconhecimento, por pessoas brancas, de representações negativas que suas presenças e imagens causaram e ainda podem causar na imaginação negra:

> Quando a luta pelos direitos civis despertou a atenção nacional para a questão da integração racial, indivíduos brancos racistas compartilhavam com frequência seu "íntimo" conhecimento sobre os negros, dizendo publicamente que "as pessoas de cor gostam de ficar só entre elas". Mas ninguém nunca levantou a questão do trauma nem ponderou que talvez os negros ficassem juntos e quisessem se manter longe dos brancos devido ao sofrimento causado pela exploração e opressão implacáveis que eles nos impuseram. (hooks, 2022b, p.117)

hooks chama a atenção, assim, para o fato de que nas experiências das pessoas negras, por mais que seja difícil assimilar as diferentes maneiras em que ocorrem sentimentos de receio, identificar e nomear o que a branquitude representa é vivenciar e dar nome a algum tipo de angústia e de medo; é nomear, segundo ela, o terror. Esse terror, juntamente com um misto de outros sentimentos, causa danos psicológicos profundos a quem é oprimido pelo racismo.

Para ela, é fundamental erradicarmos pensamentos e ações racistas, pois esses causam sensações constantes de não pertencimento às pessoas negras, e esse não pertencimento, seja a um lugar, comunidade ou na sociedade em geral, gera sofrimentos. É nesse sentido que, a partir da identificação de alguns pontos

do racismo, hooks parte de sua própria experiência de mulher negra e busca não somente identificar as origens de sensações de não pertencimento, mas as condições de possibilidade de pessoas negras se sentirem pertencentes.

O que significa, então, o movimento em busca do pertencimento, no contexto da experiência negra diaspórica, segundo hooks?

Ela nos diz que significa, por um lado, reconhecer nossa conexão com a natureza, respeitando a diversidade de ecossistemas, e, por outro lado, significa resgatar a nossa ancestralidade. Tal conexão e resgate permitem nossa autodeterminação:

> Quando temos amor pela terra, cultivamos uma forma de amor-próprio mais completa. Acredito nisso. Os ancestrais me ensinaram que é assim. (hooks, 2022b, p.67)
> (...)
> Desde a primeira vez que se encontraram, os nativos americanos e os africanos compartilharam entre si o respeito pelas forças da natureza, da terra, que promovem a vida. Os africanos que se estabeleceram na Flórida ensinaram os fugitivos do povo Creek, os "Seminoles", métodos de cultivo de arroz. Os povos nativos ensinaram aos negros recém-chegados tudo sobre os diversos usos do milho. (...) Tendo em comum a adoração pela terra, essas pessoas de pele negra e vermelha lembravam umas às outras que, apesar dos métodos do homem branco, a terra pertencia a todos. (hooks, 2022b, p.68)

hooks aponta para o fato de o capitalismo industrial não somente modificar a natureza do trabalho negro, mas as práticas comunitárias, centrais para a dinâmica rural e para uma relação de apreço das pessoas negras pelo próprio corpo. Segundo ela, o afastamento da natureza e a separação entre corpo e mente facilitaram a internalização, pelos negros, das premissas da supremacia branca a respeito da identidade negra. Em outras palavras, o afastamento dos negros da dimensão natural da vida (de sua relação com a terra, com a natureza) favoreceu um desvio em sua autoimagem e uma busca por identificação com padrões que não correspondem às suas experiências mais profundas. (hooks, 2022b) Ela nos diz:

> Naquele mundo [antes das migrações em massa para as cidades do Norte no início do século XIX], os negros do campo entendiam que os brancos com o poder de dominar e controlar as pessoas não brancas não tinham como controlar a natureza ou o espírito divino. O entendimento fundamental de que os brancos não eram deuses (porque se fossem poderiam fazer o que bem entendessem com a

> natureza) ajudou os negros a incutir em si mesmos uma sensibilidade contestadora. Quando os negros migraram para as cidades urbanizadas, essa conexão humanizadora com a natureza foi afetada; o racismo e a supremacia branca passaram a ser vistos como fatores poderosos que definiam nosso destino. Esse pensamento e o rompimento com a religiosidade, caracterizado pela recusa em reconhecer o sagrado no dia a dia, serviram aos interesses do patriarcado supremacista branco capitalista. (hooks, 2022b, p.161-162)

Por isso a importância de restabelecer a relação com a natureza, no sentido de resgatar um senso de coexistência com o ambiente e com tudo que aí habita. Essa relação com o natural é um dos caminhos de desenvolvimento de uma "cultura do lugar" e que permite o desenvolvimento da sensação de pertencimento.

Um outro movimento, nesse caminho de pertencimento, é em direção à ancestralidade. hooks nos apresenta dois eixos importantes nessa direção que fizeram parte de sua vida e que são importantes, porque são parte de sua experiência, mas, com diferenças, são parte das experiências de muitas pessoas negras, sobretudo, de muitas mulheres negras.

Um eixo é ligado ao cultivo da terra, e aí, num certo sentido, se retorna à relação com a natureza, só que de forma materializada, nas plantações de tabaco; e outro é ligado à arte e à estética, na confecção de colchas de retalhos:

> Quando sinto saudades do Kentucky da minha infância, normalmente enveredo por duas memórias diferentes: o mundo do tabaco e o mundo das colchas de retalhos. Na minha cabeça, os dois estão associados a uma vida simples e a uma abundância simples. Os dois estão associados ao conforto da mente, do corpo e da alma. (hooks, 2022b, p.149)

No que concerne à terra e à atividade agrícola exercida pelos negros, ela aponta para o fato de que, no passado, os agricultores negros tinham uma cultura de pertencimento que foi apagada. Essa cultura forneceu as bases para a reconstrução e a consciência opositora daqueles que saíram da situação de escravização, com um resgate da autoestima, apesar da situação difícil em que se encontravam. Ao remeter às lembranças de seus avós, hooks enfatiza o quanto, para eles, a terra era sagrada. Eles ensinavam a ter cuidado e respeito pela terra, enfatizando que ela dá a vida, mas também pode tirá-la

Já no eixo arte e estética, ela traz a partir da atividade de confeccionar colchas de retalho das suas ancestrais, avó e bisavó maternas, que dedicaram grande parte de suas vidas ao ofício. Esse eixo a faz resgatar histórias de sua família e de mulheres negras artistas que foram e são apagadas. Segundo hooks, para sua avó, tecer colchas era uma atividade que "proporciona harmonia e equilíbrio à psique", mas, mais do que isso, a levava para uma dimensão de autodeterminação, na qual a sua avó parava de servir às necessidades dos outros para "se voltar a si mesma". Compreender a dimensão desse movimento de suas ancestrais foi libertador para hooks.

Ao trazer uma reflexão crítica das condições de trabalho e experiências das tecedoras negras, em geral não somente de sua família, ela diz que o trabalho das tecedoras negras de colchas de retalhos necessita ser analisado a partir de um enfoque feminista que considere o impacto de raça, gênero e classe. Diferentemente das mulheres brancas, com acesso a materiais e tempo para produzirem suas colchas, as mulheres negras exercitavam a imaginação criativa apesar das dificuldades econômicas e das condições opressivas que enfrentavam. Elas tinham um senso estético passado de geração a geração e essa era uma "estética opositora", pois se opunha à ideologia hegemônica que insistia — e ainda insiste — em negar às pessoas negras a capacidade de sentir e proporcionar sentimentos estéticos autênticos, com valor não somente para a comunidade negra. hooks reivindica, portanto, a visibilização dessas mulheres e de seus trabalhos, para um compartilhamento de suas heranças. Esse movimento da autora mostra, mais uma vez, que, através do atravessamento de suas experiências, ela amplia a reflexão teórica a respeito de questões que não afetam somente a ela.

O olhar e o resgate do valor das atividades e do modo de vida ancestral, dentro de condições opressoras, é fundamental para a produção de sentimentos de pertencimento das pessoas negras, porque remonta para além do que é imposto pelo "patriarcado supremacista branco capitalista imperialista". A sensação de pertencimento envolve o resgate de hábitos ancestrais, mas não somente isso, a ancestralidade remonta às pessoas negras a noção de coletividade, representando uma cultura de lugar, de ser, de existir, de resistir e de reexistir.

Essa coletividade nada mais é do que o resgate de uma expressão comunitária. A comunidade, segundo hooks, é o lugar onde as pessoas não somente compartilham experiências em comum, mas constroem valores como respeito, amor e responsabilidade mútua e, no contexto de experiências das pessoas negras, isso é fundamental para uma autodeterminação além dos aspectos opressivos do "patriarcado supremacista branco capitalista imperialista", o que permite um retorno, ou simplesmente, o desfrute de um lugar de pertencimento.

SOBONFU SOMÉ: UMA VIVÊNCIA COMUNITÁRIA, DE SER E PERTENCER EM ÁFRICA

A visão de mundo de Sobonfu Somé é, obviamente, diferente da visão ocidental. No seu livro, *O Espírito da Intimidade,* Somé traz a ideia de que intimidade e sexualidade, por exemplo, devem ser compreendidas fora do aspecto de primazia do indivíduo e os relacionamentos não devem ser separados da comunidade. A intimidade se dá no interior da comunidade, não com objetivos voltados à felicidade pessoal, mas para o cumprimento de um propósito da pessoa para enriquecimento comunitário e expressão espiritual.

Na referida obra, ela explica o que é o amor a partir de princípios relacionados à espiritualidade, liberdade e, sobretudo, à comunidade. Ela sustenta que a cultura Dagara é de adoração ao espírito e uma das manifestações do espírito é a natureza. Nesses termos, viver em comunidade é uma maneira de manter acesas as relações, o amor, seja com companheiras/os específica/os seja com a própria comunidade.

A pensadora destaca que existe uma forte pressão quando se deixa a arte de se relacionar a cargo somente de duas pessoas e evidencia que o pensamento de duas pessoas possui muitas limitações:

> Um dos princípios do conceito dagara de relacionamento é que este não é um assunto privado. Quando falamos sobre "nosso relacionamento", na aldeia, a palavra "nosso" não é limitada a dois. É por isso que achamos difícil viver um relacionamento em uma cultura moderna, que não tem verdadeira comunidade. Na ausência de comunidade, duas pessoas são forçadas a dizer "este relacionamento é nosso", quando, na verdade, a comunidade é que

> deveria estar dizendo isso. (...) A ausência de uma verdadeira comunidade deixa o casal totalmente responsável por si e pelas coisas à sua volta. Assim, a possibilidade de atender suas necessidades fica reduzida. O relacionamento acaba se tornando a comunidade da pessoa. Quando não consegue preencher esse papel – o de constituir-se uma comunidade -, os indivíduos começam a se sentir fracassados. Afeta a psique tão dramaticamente que eles se sentem sem lugar. (SOMÉ, 2003, p.36)

Somé lembra que, no Ocidente, geralmente as pessoas se afastam da dimensão comunitária e, sobretudo, da dimensão espiritual que pode assumir como referência os espíritos ancestrais, da terra e da natureza e que conduzirão os relacionamentos para o bem. Para Somé, na cultura ocidental, existe muita ânsia de dominação e de poder e isso reflete nos relacionamentos. A dimensão espiritual é fundamental e, por isso, a pensadora nos diz que: "é importante ver o relacionamento como algo movido pelo espírito e não pelo indivíduo." (SOMÉ, 2003, p.30) Essa noção de espírito ajuda a manter a conexão de cada um/a para com o/a outro/a e a conexão desses com a coletividade:

> Quando um relacionamento íntimo é tirado de seu contexto espiritual, fica exposto a muitos perigos. Uma desconexão profunda é criada, não só no plano espiritual, mas também no plano pessoal. Pessoas envolvidas em um relacionamento puramente sexual, por exemplo, carregam dentro de si um gigantesco buraco energético, de mágoas da tenra infância, que as isola completamente de seu verdadeiro ser. Sua esperança é que a pessoa com quem estão envolvidas possa lhes dar a conexão que anseiam. Frequentemente, elas também não estão conectadas com o ser. Assim, temos duas pessoas desconectadas tanto no nível espiritual quanto no nível pessoal. O relacionamento não tem qualquer tipo de força que lhe dê fundamento ou solidez. (SOMÉ, 2003, p.30)

Nesse contexto, a própria maternidade não é exercida apenas pela mulher, mas por diversas mulheres, e a paternidade deve ser participativa. O sentimento, o cuidado, a sensibilidade e as emoções são questões que atravessam o dito gênero masculino. Acredita-se que os homens devem deixar sempre acesa a sua parte considerada "feminina", assim como as mulheres sua parte "masculina", pois tais energias devem estar em harmonia no modo de viverem a vida. (SOMÉ, 2003). Assim, embora haja diferenças nas tarefas, as diferenças não existem para incitar um imaginário sexista, na medida em que se parte de pressupostos outros que não o de dominação, em que a realização de tarefas se dá em nome

do bem-estar coletivo e não em nome do poder. Segundo Somé, "Mulheres e homens têm seus próprios mistérios, e nenhum dos dois jamais entenderá o outro completamente. O modelo da aldeia existe não para estimular o sexismo, nem para tornar homens e mulheres iguais, mas para criar um ambiente no qual os sexos apreciam e respeitam o outro." (SOMÉ, 2003, p. 52)

Às crianças, por sua vez, é necessário, desde cedo, apresentar o sentido maior da comunidade para que não dependam somente de um ou dois adultos, mas que possam, inclusive, recorrer a alguém de sua escolha. Há a consciência de que enquanto seres humanos somos limitados e é nesse sentido que se crê na potência da coletividade, pois para educar é necessário o apoio de várias pessoas em conexão com vários aspectos da vida e das relações.

Um outro elemento da comunidade, ressaltado por Somé, diz respeito à subsistência. As pessoas produzem apenas o que precisam, mantendo sua tradição e respeito pelos demais e pela terra onde vivem: "Nossa economia pode ser chamada de agrária ou de subsistência; produzimos o alimento que precisamos para viver. (...) plantamos a quantidade exata que precisamos e mais nada." (SOMÉ, 2003, p. 18)

Não há o desejo de criar excedentes, nem de dominar ou comandar, mas o respeito pela terra e pelo ambiente que os Dagara consideram como sagrados. Mais uma vez, a espiritualidade se manifesta como o componente movente do modo de ser e interagir em comunidade. A vivência comunitária é, sobretudo, conexão espiritual.

Somé, pensando em como são estabelecidas as relações no Ocidente, acredita que os relacionamentos são movidos pelo ego, individualismo e controle e que, por isso, é necessário reconhecer sua base espiritual. A crença na presença de um espírito poderoso, que deve ser honrado, é um ensinamento que é transmitido para as crianças, para que desde cedo elas possam se conectar e reconhecer a existência desse espírito. E ela nos diz: "Quando povos tribais falam de espírito, estão, basicamente, referindo-se à força vital que há em tudo." (SOMÉ, 2003, p. 26). O espírito é, portanto:

> [...] a energia que nos ajuda a nos unir, que nos ajuda a ver além de nossos parâmetros racialmente limitados. Também nos ajuda nos rituais e na conexão com nossos ancestrais. Os ancestrais

ISSN 2526-2742

> também são chamados de espíritos. O espírito de um ancestral tem a capacidade de ver não só o mundo visível do espírito, mas também *este* mundo. Assim, serve como nossos olhos dos dois lados. É esse poder dos ancestrais que nos ajuda a direcionar nossa vida e evitar os abismos." (SOMÉ, 2003, p.26 – grifo no original)

Nesse sentido, o comprometimento com a ancestralidade significa o reconhecimento de seus antepassados pelas novas gerações e a expressão de responsabilidade pelo seu legado; é a forma de dar continuidade e estimular a força vital que é base das relações comunitárias.

A comunidade é, assim, o lugar onde as pessoas compartilham suas habilidades e suas formas de ser e estar no mundo, recebendo, em troca, as habilidades e formas de ser e estar no mundo dos demais e isso é considerado algo extremamente valioso. Quando não se tem uma comunidade, não se é escutado, não há compartilhamento de experiências coletivas e espirituais e, consequentemente, há o enfraquecimento da própria "psique", o que pode tornar as pessoas vulneráveis e, sobretudo, passíveis de recorrentes sensações de não pertencimento. Cito Somé:

> Para criar uma comunidade que funcione, é preciso observar cuidadosamente alguns dos seus fundamentos: espírito, crianças, anciãos, responsabilidade, generosidade, confiança, ancestrais e rituais. Esses elementos formam a base de uma comunidade. Não é preciso começar com muita gente. Preferiria um círculo de poucos amigos a me perder em uma multidão de pessoas as quais não ligam umas para as outras. (SOMÉ, 2003, p.46)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo, assim, este breve texto com algumas reflexões. bell hooks, em sua vivência diaspórica, percorre um caminho de não pertencimento, busca por pertencimento, conexão ancestral e comunitária e, finalmente, resgate e pertencimento. Tudo isso perpassado pelos atravessamentos do racismo, machismo e sexismo presentes em sociedades estruturalmente racistas, machistas e sexistas ou, como ela mesma denomina, pelo "patriarcado supremacista branco capitalista imperialista". Para mulheres negras, viver na diáspora, em geral, é viver a partir do enfrentamento dessas agências (racismo, machismo e sexismo). Se formos olhar especificamente para o racismo, ele é um problema social criado pelo Ocidente e, obviamente, o antirracismo é também ocidental. Mas, para as pessoas negras, para além dessa luta necessária que, muitas vezes, se transforma em algo extenuante, será que não é possível o fortalecermos a partir de outras agências. Das nossas, num certo sentido, agências? Para isso, me arrisco a dizer que é importante sairmos da história, da narrativa única. É importante resgatarmos modos de ser e estar no mundo para além desse âmbito ocidental. É importante resgatarmos diferentes cosmopercepções.

A cosmoperceção apresentada por Sobonfu Somé, nos conduz a um outro caminho. Ela nos traz a experiência de, em primeiro lugar, pertencer. De uma ação potente e positiva, não em detrimento de algo já estabelecido com o qual temos que lutar constantemente, e nos reafirmar a partir da negação, mas, sim, nos afirmar a partir de nossa agência positiva. De nossa ancestralidade não escravizada, mas livre, conectada, forte e que nos impulsiona não simplesmente para a resistência ou reexistência, mas para o ser e existir na sua integralidade, a partir de nós mesmos/as. E, para que isso ocorra, reafirmo, são muito importantes as múltiplas narrativas e a ancestralidade a nos conectar.

ANCESTRALIDADE[19]
Ouço no vento
O soluço do arbusto:

[19] Poema extraído do livro de Vanda Machado. – MACHADO, Vanda. *Pele da Cor da Noite.* Salvador: EDUFBA, 2013.

É o sopro dos antepassados.
Nossos mortos não partiram.
Estão na densa sombra.
Os mortos não estão sobre a terra.
Estão na árvore que se agita,
Na madeira que geme
Estão na água que flui,
Na água que dorme,
Estão na cabana, na multidão;
Os mortos não morreram...
Nossos mortos não partiram:
Estão no ventre da mulher
No vagido do bebê
E no tronco que queima.
Os nossos mortos não estão sob a terra:
Estão no fogo que se apaga,
Nas plantas que choram,
Na rocha que geme,
Estão na casa.
Nossos mortos não morreram.

Birago Diop - poeta africano

REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. *Escrever além da raça: teoria e prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2022a.

HOOKS, bell. *Pertencimento: uma cultura do lugar.* São Paulo: Editora Elefante, 2022b.

MACHADO, Vanda. *Pele da Cor da Noite.* Salvador: EDUFBA, 2013.

SOMÉ. Sobonfu. *O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar.* São Paulo: Odysseus Editora, 2003.